

PEQUENO ENSAIO SOBRE A PROPOSTA FENOMENOLÓGICA DE SARTRE EM SEU *ESBOÇO PARA UMA TEORIA DAS EMOÇÕES*

Jorge Garcia¹

Resumo: O seguinte artigo buscará abordar de maneira sistemática, em referência aos tópicos apresentados por Sartre em seu *Esboço para uma Teoria das Emoções*, o posicionamento desse mesmo filósofo frente à realidade emocional do humano, como se apresentam os modos com as quais esse fenômeno é abordado, sua crítica a estes modos de tratamento - derivados, principalmente, do cientificismo positivo – e qual a proposta de retorno à real importância do tratamento hermenêutico das emoções humanas como fatores constituintes do mundo humano enquanto construção existencial do real.

Palavras-chave: Psicologia. Fenomenologia. Husserl. Heidegger. Existência. Mundo.

1 INTRODUÇÃO

Em se tratando de um tema diretamente relacionado à interioridade do humano, sua *psyché*, Sartre inicia sua análise a respeito das emoções atacando a ciência que trata diretamente dessa área da existência humana, a saber, a psicologia.

A crítica vai de encontro ao modo pelo qual a instauração da psicologia como *ciência do comportamento* se apresenta, de maneira a preservar, em relação às ciências da natureza, suas características de análises de fatos e generalidades baseadas na observação empírica dos modos de se portar do humano - em virtude do esclarecimento conceitual sobre as emoções. O tratamento com os conceitos necessita de uma maior delicadeza, uma vez que esteja tratando de fenômenos do comportamento do humano em sua relação existencial com o mundo que se lhe apresenta – para tanto é necessário que tais ações humanas sejam tratadas diretamente como *fenômenos* e não como *fatos*, isto é, como um conjunto de significações representativas da realidade, e não como peças científicas passivas de edição em virtude da busca de resultados práticos e empíricos. Dessa perspectiva, Sartre se reportará, principalmente, a Edmund Husserl (1859-1838) e Martin Heidegger (1889-1976), d'onde apresentará as teorias que sustentam o porque de

¹ Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas.

seu posicionamento crítico frente às psicologias e os psicologismos científica e progressivamente instaurados. Da parte de Husserl, Sartre aproveitará aquilo que se refere à tarefa da fenomenologia de *ir às coisas mesmas*² e o método de redução eidética proposto por Husserl a respeito do posicionamento possível ao colocar *aquilo que está em discurso*³ entre parênteses – neste caso, o homem enquanto significação existencial – tornando rico em significações as considerações passivas de serem tomadas em respeito às emoções do humano inserido em seu *mundo da vida*⁴. Por outro lado, busca em Heidegger a riqueza em linguagem e conceitos presentes no *Ser-aí*⁵ e seu conjunto de significações históricas, temporais e principalmente, a característica do *cuidado*⁶ como maneiras humanas de construir, representar, existir e significar a realidade na qual se encontra. Dessa perspectiva, cabe ressaltar o que Sartre resgata com muita precisão quanto à crítica heideggeriana à ciência de seu tempo, a saber, “(...) o enraizamento das ciências, em seu fundamento essencial, desapareceu completamente⁷”.

Seguirá ainda com uma crítica direta ao profissional da psicologia como uma espécie de homem que se trata como superior, semelhante ao cientista frente ao objeto ao que estuda, e se esquece da fundamental raiz que faz brotar o germe de sua própria ciência, a saber, a problemática existencial humana. Devido a esse posicionamento, tratará a si mesmo como membro a parte da comunidade humana passiva de emoções – de fato, ele será o *mestre das emoções*, uma vez que, a partir da análise factual dos modos de representação emocional do homem, criará teorias baseadas em generalismos necessários aos conceitos de cunho universal. Aceitará o *fato* como diferente da essência fenomênica do humano que se lhe apresenta e o assombra como figura espantosamente igual a si em suas potencialidades, em sua existência.

(...) o psicólogo proibi-se rigorosamente de tratar os homens que o cercam como *seus semelhantes*. Essa noção de similitude, a partir da qual se poderia talvez construir uma antropologia, lhe parece irrisória e perigosa. Ele admitirá facilmente, com as reservas feitas mais adiante, que ele é *um* homem, isto é, que faz parte da classe provisoriamente isolada. Mas considerará que esse caráter de homem lhe deve ser conferido *a posteriori*,

² Zu den Sachen selbst.

³ Sache.

⁴ Lebenswelt.

⁵ Dasein.

⁶ Das Sorge.

⁷ Que é Metafísica? In: <http://br.egroups.com/group/acropolis>.

e que ele não pode, enquanto membro dessa classe, ser um objeto de estudo privilegiado, salvo para a comodidade das experiências⁸.

Em última análise, Sartre se mostrará contra a psicologia e seu tratamento do *homem em situação*, analisando como consequência experimental, e não na amplitude contida nas significações de seu próprio mundo e a maneira como se apresenta frente ao mesmo.

2 AS TEORIAS CLÁSSICAS

A respeito das *teorias clássicas* e da *teoria psicanalítica*, discorreremos brevemente, uma vez que esses dois capítulos venham a se apresentar como um meio com o qual Sartre nutre sua crítica apresentando perspectivas julgadas *falhas* pelas correntes das quais irá tratar. No que concerne ao capítulo referente às *teorias clássicas*, serão citadas as iniciativas de alguns psicólogos marcantes da história e suas tentativas de estabelecimento conceitual às emoções. Primeiramente apresenta a teoria de William James (1842-1910) e seus investimentos à *psicologia funcional*, d'onde deriva a premissa de que os estados de consciência – assim tomados por W. James – a saber, alegria, tristeza, etc. são projeções psicológicas originadas na relação fisiológica do homem com o mundo, admitindo as emoções como consequências relacionais do humano interior e seu contato exterior. Desde já, bem como alerta Sartre⁹, algo que desde sempre passa despercebido pelo espírito do psicólogo/cientista é também uma das bases de suas próprias teorias: a influência do mundo, no qual o ser humano em análise está inserido, nas suas representações emocionais. Dito de outra maneira: a importância do viés existencial à imensidão de significações presentes nas emoções¹⁰. Mais uma vez, o que continua faltando às teorias clássicas, tanto dos críticos a James quanto a ele próprio, é reconhecer que uma experiência é apenas um mero jogo de causa e efeito, sem que daí seja possível retirar uma emoção em suas significações

⁸ (SARTRE, 2010, p. 15).

⁹ (SARTRE), 2010, p.33.

¹⁰ Ainda como afirma Sartre (2010, p. 33): “a teoria de James tinha uma grande vantagem: ela levava em conta apenas distúrbios fisiológicos, direta ou indiretamente releváveis”.

concretas, mas apenas consequências de referências externas às reações que ocasionam¹¹.

Citará também Pierre Janet (1859-1947) sobre a importante perspectiva de descrição dos fatores externos ao desenvolvimento orgânico do homem – no entanto, deixa a desejar no que diz respeito à classificação categórica dos fenômenos revelados pelo contato ao exterior: fenômenos psíquicos ou condutas, e os fenômenos fisiológicos. A problemática toma um sentido mais específico, mas ainda esquece-se de tratar das emoções de maneira precisa: uma psicologia que pretenda tratar das emoções em seu caráter essencial, necessariamente deverá considerar a o *devoir* como presente em quaisquer assuntos que remetam à análise do homem em suas relações com o real. Ora, o estabelecimento do conceito de *conduta* aos fenômenos orgânicos que o homem apresenta em virtude de sua realidade não são suficientes, uma vez que não seja possível estabelecer um padrão de análise possível de ser universalizado em todas as realidades possíveis de serem representadas. Nesse sentido, Sartre critica o caráter correlativo do distúrbio fisiológico interpretado como uma emoção, ou seja, as consequências de ações externas como significações precisamente humanas. Semelhante será também a crítica em referência às visões biológicas/behavioristas e organicistas de Henri Paul Hyacinthe Wallon (1879-1962) – semelhante a Janet no que diz respeito à importância de se considerar os fatores orgânicos como finalidade de manifestações emotivas – mas que ainda reduzem em muito a realidade psíquica humana a um biologismo passivo – em linguagem romântica, fatalista.

Sua análise conclusiva se refere justamente à pretensão de justificar a insuficiência das teorias clássicas da psicologia no que diz respeito ao seu tratamento superficial das emoções, abordando-as de maneira meramente científica e empírica, afirmando estar mais a fundo o problema, derivado das descobertas de Janet sobre as finalidades das emoções à significação das reações orgânicas.

3 A TEORIA PSICANALÍTICA

Seu itinerário a respeito de um questionamento sobre a natureza das emoções e as maneiras como as investigações sobre a mesma são tratadas,

¹¹ “Será que um distúrbio psicológico, *qualquer que seja*, pode explicar o caráter organizado da emoção?” (SARTRE, 2010, p.33).

desemboca na problemática acerca de uma significação por traz das reações orgânicas abordadas por Janet, a saber, uma consciência por traz do fato psíquico gerado pela relação empírica do sujeito e seu meio. Daí a importância da ciência psicanalítica como lugar de reflexão acerca do que se encontra além das dimensões relacionais superficiais do homem, suas *relações factuais* – pelo contrário, irá dirigir as atenções ao fundo das significações expressas pelas emoções dos determinados momentos existenciais do homem, tratando de esclarecer o porque de essas mesmas emoções estarem se mostrando como tais¹².

Em sua importância mais destacada, Sartre colocará a psicanálise como possibilidade de descoberta sobre o modo como a mente se faz ela mesma, de maneira que todas as significações emotivas que expressamos, ainda que expressem influência externa, têm respostas na própria mente, isto é, na própria consciência – destacando a importância do psicanalista como oferecimento de compreensão à reação emotiva e elucidativo de seus significados desconhecidos em primeira análise, auxiliando o *sujeito da emoção* a não mais conter a mesma, mas compreendê-la como fator constituinte de sua própria personalidade.

4 ESBOÇO DE UMA TEORIA FENOMENOLÓGICA

Ditas as importâncias da psicanálise ao tratamento das emoções, o *esboço de uma teoria fenomenológica* da emoção terá uma premissa necessária à sua efetiva compreensão: “a consciência emocional é, em primeiro lugar, consciência *do mundo*¹³”. De maneira a rebuscar a linguagem fenomenológica heideggeriana, Sartre trata de salientar a necessária condição do homem de se encontrar desamparado em sua realidade, necessitando que crie a si suas significações de modo a se situar enquanto *ser de possibilidades* que ascende à construção de si mesmo. É dessa maneira que a legitimação de sua crítica à psicologia positiva e as teorias clássicas se nos apresentam: não é apenas estabelecer um quadro conceitual das emoções ou reconhecer as consequências fisiológicas como influentes ao processo psíquico – é necessário agir e se fazer inserido no mundo emocional em que se pretende analisar, em objetivo à compreensão de seus

¹² “A interpretação psicanalítica concebe o fenômeno consciente como realização simbólica de um desejo recalcado pela censura.” (SARTRE, 2010, p. 50).

¹³ (SARTRE, 2010, p. 56).

efetivos significados. E é ainda nesse sentido que Sartre se referirá diretamente à emoção.

Agora podemos conceber o que é uma emoção. É uma transformação do mundo. Quando os caminhos traçados se tornam muito difíceis ou quando não vemos caminho algum, não podemos mais permanecer num mundo tão urgente e tão difícil. Todos os caminhos estão barrados, no entanto é preciso agir. Então tentemos mudar o mundo, isto é, vivê-lo como se as relações das coisas com suas potencialidades não estivessem regulados por processos deterministas, mas pela magia¹⁴.

Atenta ainda à peculiaridade de nossas emoções em seu sentido negativo de si mesmas, citando exemplos que fazem crer no caráter defensivo da emoção contra os fatores fisiológicos que as mesmas podem gerar. “É da mesma maneira”, diz Sartre, “que os boxeadores novíços se lançam contra o adversário fechando os olhos: eles querem suprimir a existência de seus punhos, recusam-se a percebê-los, e com isso suprimem simbolicamente sua eficácia¹⁵”. Não bastando, cita exemplos também de emoções afirmativas e suas características no que diz respeito ao comportamento em função de sua expressão, além de emoções falsas em virtude de conhecimentos futuros de situações constrangedoras e emoções verdadeiras como qualitativamente intencionadas aos objetos que, em posse, gerem suas expressões. – uma vez que essa mesma expressão se torne necessária e não passiva de ser negada, mas se torna uma ação necessária até seu total esgotamento. Em suma, expressará o estabelecimento de sua teoria fenomenológica retomando o sentido heideggeriano de *compreensão*¹⁶ defendendo a tese de que a emoção, como se havia visto de modo geral até então, “na é um acidente, é um modo de existência da consciência, uma das maneiras como ela *compreende* (...) se ‘ser-no-mundo’¹⁷, admitindo-a como estrutura da consciência que significa ao humano sua expressão relacional com seu próprio mundo e consigo enquanto relacionado ao mundo – é o caráter existencial que permite problematizar a si mesmo enquanto inserido e constituinte da realidade intencional e existencial.

¹⁴ (SARTRE, 2010, p. 63).

¹⁵ (SARTRE, 2010, p. 67).

¹⁶ Verstehen.

¹⁷ (SARTRE, 2010, p. 90).

Na medida em que compreender quer dizer, ao mesmo tempo, reunir, apreender de pronto, e penetrar, esta nova reflexão sobre a *emoção*¹⁸ é, antes de tudo “compreensão”: foi êste o método usado pela psicologia fenomenológica¹⁹.

5 CONCLUSÃO

As análises conclusivas de Sartre ao seu esboço vão ao encontro da iniciativa de se tentar uma psicologia que discorra sobre os preceitos abordados. Isso significaria uma reviravolta no sentido positivo de psicologia que se tem até então de maneira a possibilitar ao psicólogo sua presença no universo relacional do mundo de seu paciente – esclarecendo, a este, suas próprias significações enquanto que sejam desconhecidas para si, tratando de mostrar que a superficial desordem causada pelas emoções é devido, justamente, a tentativa de ordenação da consciência em sua reflexão sobre si mesma e seu mundo existencial.

APÊNDICE

FOUCAULT – DOENÇA MENTAL E PSICOLOGIA: COMPARAÇÕES À CRÍTICA SARRIANA E À PSICOLOGIA POSITIVA

A problemática tratada por Michel Foucault (1926-1984), presente por detrás de todas as suas obras, referiu-se sempre aos estudos genealógicos dos conceitos que vinham a exercer papéis teóricos de ferramentas de poder no mundo prático. Dentre seus estudos históricos, em 1954 publica uma obra intitulada *Doença Mental e Psicologia*, a qual, em vista do conhecimento relacional entre Sartre e Foucault, podemos compreender de maneira mais precisa certos posicionamentos polêmicos frente à realidade da *loucura* enquanto definição última de determinado tipo de personalidade.

A obra inicia com uma referência que deve ser constantemente lembrada, vistas as consequências que as confusões conceituais podem vir a acarretar. São elas: *Psicologias da Heterogeneidade*: que se recusam a ler as estruturas da consciência mórbida em termos de psicologia normal; *Psicologias Analíticas ou Fenomenológicas*: que procuram apreender a inteligibilidade de toda a conduta, mesmo a demente, nas significações anteriores às distinções entre patológico e normal.

¹⁸ A troca dos termos, em consideração dos contextos trabalhados me pareceu válida (Foucault usa a palavra doença, se referindo ao tratamento psicológico da doença mental).

¹⁹ (FOUCAULT, 1975, p. 56). Parece-me que essa colocação de Foucault especifica bem os reais objetivos de uma iniciativa à psicologia fenomenológica.

Dentre estas duas, a base crítica de Foucault se dá sobre a *P. da Heterogeneidade* em relação à *P. Fenomenológica*, uma vez que – e daí percebe-se a relação conceitual a Sartre – as psicologias clássicas ou heterogêneas lidam com o humano *louco* como um objeto essencialmente problemático. Vista a afirmação de que o sujeito demente é essencialmente *defeituoso*, a medicina moderna, em auxílio à psicologia positiva em ascensão, promove métodos de *cura* à doença. Cura essa relacionada diretamente, considerando o behaviorismo por trás dos estudos psicológicos modernos, às estruturas orgânicas do sujeito doente – e esquecendo as estruturas mentais afetadas pela genética, traumas ou exposição massiva à torturas no âmbito físico e que vieram a ocasionar sequelas psíquicas. E é justamente esse o foco crítico trabalhado sobre Foucault: de que maneira as psicologias clássicas pensam resolver as problemáticas mentais se seus métodos positivos (tortura, exposição à realidades críticas, xingamentos, prisões...) têm por objetivo apenas o alcance da dimensão orgânica do sujeito doente?

O ponto de partida é a crítica ao *preconceito de essência*²⁰, sobre o qual se pautam os métodos positivos.

Se se define a doença mental com os mesmos sintomas conceituais que a doença orgânica, se se isolam e se se reúnem os sintomas psicológicos com os sintomas fisiológicos, é porque antes de tudo se considera a doença, mental ou orgânica, como uma essência natural manifestada por sintomas específicos²¹.

Daí a importância de se optar por psicologias alternativas de cunho fenomenológico, a saber, psicologias que não tratem as doenças mentais como *metapatologias*, mas que se posicionem de maneira a buscar as *coisas mesmas* dos fenômenos apresentados organicamente no sujeito. Desse princípio pre-conceituado das psicologias clássicas, Foucault estabelece todo um estudo histórico que visa esclarecer os meios pelos quais se solidificaram esses pré-conceitos teóricos da medicina e psicologia em ferramentas de poder e coerção social, como os manicômios e prisões – além de tratar de como estas mesmas instituições, baseadas em princípios errôneos frente à doença, *doentificam* psicologicamente (muitas vezes) o sujeito preso por apresentar *sintomas* que caracterizariam doenças mentais.

Foucault trata também de abordar a doença mental num âmbito que a compreenda, originariamente, como fenômeno humano – em virtude das relações

²⁰ (FOUCAULT, 1975, pg. 12).

²¹ (FOUCAULT, 1975, pg. 13).

entre a humanidade e o caráter da angústia como busca de si (ao uso de termos heideggerianos como o conceito de angústia e *nadificação*). Ora, a doença mental se estabelece então, enquanto fenômeno humano, numa dimensão única do sujeito em criar para si sua própria realidade – realidade na qual este sujeito por si se torna governante e estabelece suas normas e padrões de poder e organização, irrealizando o real presente e experienciando um mundo ao seu modo. Dessa maneira, enquanto experiência (ainda que inconsciente) de si, a doença mental remonta ao caráter existencial do humano, originariamente compreendido em suas relações como formador de mundo. Nesse sentido, a revolução da psicologia se dará no momento em que os métodos de tratamento deixem de tentar entender a realidade doente e passem, através de meios fenomenológicos, a compreender essa realidade enquanto representativamente existencial do sujeito que a cria em suas particularidades originárias. Ou seja, à psicologia é necessário saber que não se trata de *curar* o sujeito doente, mas sim oferecer *cuidados* que possam dar conta de abarcar esse mesmo sujeito e toda sua realidade demente, em busca do resgate essencial do humano como *ser com*, em seu aspecto fundamentalmente relacional.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma Teoria das Emoções**. Porto Alegre: L&PM, 2010.